INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DONA ITÁLIA FRANCO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Gilmar de Paiva Reis

Alfabetização e Letramento: Os gêneros textuais recorrentes no segundo ano do
Ensino Fundamental I em uma Escola Municipal da Zona Rural de Barbacena

Barbacena

2018

Gilmar de Paiva Reis

Alfabetização e Letramento: Os gêneros textuais recorrentes no segundo ano do Ensino Fundamental I em uma Escola Municipal da Zona Rural de Barbacena

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação “Dona Itália Franco” – Universidade do Estado de Minas Gerais – como requisito para o título de graduação em pedagogia.

Orientadora: Dr.^a Dedilene Alves de Jesus Oliveira.

Barbacena

2018

Gilmar de Paiva Reis

Alfabetização e Letramento: Os gêneros textuais recorrentes no segundo ano do Ensino Fundamental I em uma Escola Municipal da Zona Rural de Barbacena

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação “Dona Itália Franco” – Universidade do Estado de Minas Gerais – como requisito para o título de graduação em pedagogia.

Área de Concentração:

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em: / / /.

Banca examinadora:

Prof^a Dr.^a Dedilene Alves de Jesus Oliveira – UNIVERSIDADE DO ESTADO DE
MINAS GERAIS

Prof. Ms. Luciano Alves Nascimento – UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS
GERAIS

Dedico este trabalho a minha família, amigos e a turma 8.1 2015/2018 de Pedagogia UEMG- Barbacena que se fizeram presentes na minha vida durante esta graduação.

AGRADECIMENTOS

Seria impossível terminar essa jornada da graduação que se iniciou quando fiz minha inscrição para o curso de pedagogia, assim como tudo que me proponho a fazer, se não tivessem ao meu lado pessoas de bem que tornam meus dias mais leves.

Agradeço primeiramente a DEUS, pelo milagre do dom da vida e pelas relações as quais ele me possibilita.

Ao Instituto Superior de Educação Dona Itália Franco, UEMG – Barbacena e ao corpo docente desta universidade, pela oportunidade de transformação de vida através do fazer docente.

As minhas mentoras Fátima Teixeira Gomes e Dedilene Alves de Jesus Oliveira. Fátima, continue na sua missão de magistérios acredito que você não imagina quantas pessoas se inspiram em você. Dedilene, oh doce Dedi, obrigado por tudo! Devo esse trabalho a você, as suas orientações feitas com maestria, seu carinho e disponibilidade em me atender, cobrar, corrigir sempre com essa mesma energia. Deixo aqui meu sentimento de gratidão!

A família, mãe eu nunca vou me cansar de repetir que a senhora é meu exemplo de heroísmo em vida, espero lhe dar orgulho sempre em forma de gratidão por tudo que representa na minha vida, ao meu pai (in memória) por ter lutado todos os dias da vida para que não nos faltasse o essencial, onde quer que esteja eu sinto sempre a sua presença, sobretudo em dias sombrios, me dando força para acreditar que desistir não é o melhor caminho, ao Ícaro meu namorado e amigo responsável por me fazer tão realizado e feliz. Aos irmãos de sangue Thamires e Gilberto pela amizade fraterna, a irmã do coração Cris pela sinergia vinda de outras vidas, a você Maria Vitória, princesa da minha vida, que não lhe falte luz na vida para continuar abrillantando nossos dias. À família do Ícaro por ter se tornado hoje a minha segunda família.

Aos amigos do SENAC e da UEMG, afinal passamos tanto tempo juntos que nos tornamos uma família, sobretudo você Márcia pelas conversas de apoio durante estes quatro anos no trabalho e vocês Michelle, Cacilda, Tatiane, Pâmela e Eliane,

grupinho que desde o início até o fim dessa trajetória permaneceram ao meu lado.

Sem o apoio de vocês os resultados não teriam o mesmo sabor.

Ao professor Luciano, pelo apoio na banca examinadora deste TCC.

Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para ser avaliado. Aprender a lê-las, interpretá-las é um longo aprendizado que requer uma atitude teórica definida.

Emilia Ferreira

RESUMO

A presente pesquisa “Alfabetização e letramento: Os gêneros textuais recorrentes no segundo ano do ensino fundamental I,” teve caráter qualitativo com intuito de analisar as práticas pedagógicas de uma professora como mediadora dos processos de alfabetização e letramento em uma escola municipal da zona rural de Barbacena. Visou-se também apontar uma proposta relativa à teoria e a prática na realidade de alfabetização, pensar sobre a possibilidade de um espaço destinado às tecnologias no contexto desta escola e como estas poderiam auxiliar o professor alfabetizador em sua prática de sala de aula. O trabalho pautou-se nos conhecimentos em torno da alfabetização e letramento, tendo como principal base teórica os trabalhos de Magda Soares, Ana Teberosky e Emilia Ferreiro, em consonância com as diretrizes educacionais vigentes no cenário atual, que atuam como parâmetros para atuação docente, tais como a Base Nacional Comum Curricular e o Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa. O estudo foi realizado considerando as condições reais da sala de aula dessa turma em questão, que tem um perfil de alunos predominantemente de zona rural – inclusive a professora regente de turma – o que torna o trabalho dela mais passível de entendimento sobre questões relacionadas aos alunos deste meio, uma vez que ela tem sua essência pautada por valores da comunidade. Foi possível perceber que são notórios os esforços da professora em manter a sequência lógica de atividades, conduzindo um aprendizado sistêmico no uso dos gêneros textuais, porém há ainda uma carência no ensino de gêneros digitais na escola.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Gêneros textuais; Tecnologia; BNCC; PNAIC.

ABSTRACT

The present research "Literacy and literacy: The recurrent textual genres in the second year of elementary education I," was qualitative in order to analyze the pedagogical practices of a teacher as mediator of literacy and literacy processes in a municipal school in rural areas of Barbacena. It was also aimed to point out a proposal regarding theory and practice in literacy reality, to think about the possibility of a space destined to the technologies in the context of this school and how these could help the literacy teacher in its classroom practice. The work was based on the knowledge about literacy and literacy, having as main theoretical basis the works of Magda Soares, Ana Teberosky and Emilia Ferreiro, in accordance with the educational guidelines in force in the current scenario, which act as parameters for teaching, such as the National Curricular Common Base and the National Pact of Literacy in the Right Age. The study was carried out considering the real conditions of the classroom in this class, which has a profile of predominantly rural students - including the teacher regent of which makes her work more comprehensible on issues related to the students of this milieu, since it has its essence ruled by community values. It was possible to realize that the teacher's efforts in maintaining the logical sequence of activities are notorious, leading to a systemic learning in the use of textual genres, but there is still a lack the teaching of digital genres at school.

Keywords: Literacy and literacy; Textual Genre; Technology; BNCC; PNAIC.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 EMBASAMENTO TEÓRICO	12
1.1 Conceito de alfabetização	12
1.2 Conceito de letramento	14
1.3 Alfabetização e gêneros textuais: o alfabetizar letrando	14
1.4 O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)	18
1.5 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC): a alfabetização e as TDIC	19
2 METODOLOGIA	22
2.1 Contextualização da escola	23
2.2 O diário de campo	26
2.3 A prática pedagógica da professora	26
3 ANÁLISE DA SITUAÇÃO VIVENCIADA	29
3.1 As atividades	29
3.2 Dados analisados	32
4 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37

1.INTRODUÇÃO

Torno coletiva neste espaço a monografia realizada como TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) do curso de Pedagogia do Instituto de educação Dona Itália Franco UEMG – Barbacena, no qual enfatizo as práticas de alfabetização e letramento da professora R.¹, da Escola Municipal José Benedito Câmpara da comunidade de Mantiqueira do Palmital.

Durante o texto, enfatizo os conhecimentos em torno da alfabetização e letramento, tendo como material de apoio teórico a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), para apontar uma proposta sobre a teoria e a prática na realidade de alfabetização e pensar, se há um espaço destinado para as tecnologias no contexto desta escola e como elas podem auxiliar o professor alfabetizador em sua prática de sala de aula.

A escolha deste tema foi por minha identificação pelo mesmo e a necessidade de aprofundamento como futuro educador, por entender que alfabetização e letramento serão conhecimentos fundamentais na minha profissão; nesse viés, a alfabetização é vista como o eixo-chave para as demais etapas da vida escolar de todo aluno e é nela que temos a oportunidade de motivar as crianças a se tornarem bons leitores.

Busquei, a partir da educação, compreender melhor esse processo de ensino com a ajuda de estudos pedagógicos consagrados, os quais me possibilitaram uma maior compreensão a respeito do assunto; fortaleci-me, também, pela trajetória de uma pesquisa de campo num espaço alfabetizador, observando a prática da professora R.

O leitor encontrará neste documento questões que evidenciam a importância do alfabetizar e letrar em sala de aula, os caminhos que o alfabetizador necessita percorrer para que possa encontrar resultados positivos na sua busca, diante de formações e estudos mais aprofundados, pois a pesquisa apontou a complexidade deste processo e a necessidade de formação continuada, além da menção aos principais documentos de embasamento para prática docente, como o PNAIC e a BNCC.

Na primeira seção, trago as definições de alfabetização e letramento, apresentando a ideia e a trajetória de Magda Soares como aporte teórico; discorro

¹ Fiz a opção de manter o anonimato da professora em questão, por razões éticas.

sobre os documentos oficiais e faço menção aos gêneros textuais como proposta do processo de alfabetizar letrando.

Na segunda seção, coloco em pauta meus aportes para a pesquisa como a pesquisa de campo e leitura dos trechos da BNCC e do PNAIC que desafiam hoje um novo olhar pela alfabetização.

Na terceira seção, apresento a pesquisa prática com o papel da Escola Municipal José Benedito Câmpara e o seu contexto; trago a escola na perspectiva estrutural e humana, pensando seu fazer pedagógico e dando ênfase para a temática da alfabetização e letramento.

Por fim e não menos importante, explico minhas experiências, tanto da vivência na escola como do aporte da professora, quando dos meus conhecimentos colhidos nas fontes das autoras que foram referências para o embasamento desta pesquisa.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO

A presente pesquisa traz uma reflexão sobre as práticas de alfabetização e letramento sobre a ótica das obras de Magda Soares (2004), Ana Teberosky e Emilia Ferreiro (1986), em que trago indagações, baseando-me nos textos das autoras e nas práticas vivenciadas durante a pesquisa na escola-campo.

2.1 Conceito de alfabetização

Os estudos realizados sobre alfabetização no Brasil são relativamente recentes; a partir da década de 80, Magda Soares começou a divulgar seus primeiros trabalhos, a fim de entender esse fenômeno, que está para além da associação entre letras e sons. Estas pesquisas norteiam como os alunos em um processo evolutivo constroem seus conhecimentos de leitura e escrita através das próprias hipóteses.

As crianças manifestam seus interesses de leitura e de escrita através da observação, uma vez que, vivemos em uma sociedade grafocêntrica. Logo o primeiro contato da criança com a escrita não se faz apenas no ambiente formal de escolarização, mas este por sua vez, é o espaço mais apropriado e capaz de sistematizar este complexo processo da alfabetização, pois é, sobretudo, na escola que muitas das crianças têm a oportunidade de organizar suas hipóteses de leitura e escrita com o acompanhamento de um especialista.

Magda Soares, (2010) defende que o indivíduo, independentemente do contexto social em que está inserido, cursa determinados caminhos para se apropriar da língua escrita, passando por níveis denominados como: nível pré-silábico 1 e 2, nível silábico, nível silábico-alfabético e nível alfabético, embasada na Psicogênese da língua escrita, teoria de Emilia Ferreiro (1985)

Os níveis de leitura se consolidam quando o aluno se insere neste novo mundo, o mundo da escola, e, mesmo com pouca maturidade e de maneira abstrata a criança já começa a entender o processo da escrita, pois já consegue definir que escrita consiste em representações de símbolos diferenciando-a dos desenhos.

Com a evolução da criança, através das aulas e do tempo, as crianças já distinguem números de letras e começam a ter noção de alguns aspectos de escrita como as das primeiras palavras, mesmo que as mais simples.

Tal processo se explica quando analisamos um caderno das crianças de educação infantil e tem nele um embaralhado de letras sem fim, com letras espelhadas, uma linha e ou página interna de uma mesma letra, nomeado este de nível pré-silábico.

Através das hipóteses deste processo evolutivo, as crianças superam os desafios usando às análises sonoras e associando com os símbolos dando início ao nível silábico. Acontece de neste nível a criança escrever uma letra para cada sílaba da palavra. Já no estágio de transição de silábico para silábico-alfabético a criança começa a pensar como a escrita pode ser organizada exigindo um número maior de sílabas para sua representação, geralmente de duas a três. Por fim, a criança cria indagações que escrevemos de forma diferente da qual falamos, que existem peculiaridades entre as palavras, as frases e pequenos textos.

A habilidade de segmentar torna-se presente nesta fase. É natural que os alunos reúnam de forma indevida as palavras durante a prática da escrita; isso ocorre porque a criança ainda não possuiu maturidade para entender que as palavras possuem sequências de letras e separadas por espaços vazios, sendo, por isso, muito importante que ensinemos as crianças a ouvir e segmentar frases em palavras, pois certamente essas crianças pensam em palavras coarticuladas e representam essas palavras na escrita do modo que elas as percebem na fala. Sendo assim, o exercício de audição na hora da escrita é muito importante, sobretudo de frases inteiras.

Nesse momento, como a alfabetização é um processo evolutivo de hipóteses, faz-se necessária a incorporação de pequenos textos de diferentes gêneros para a efetivação das habilidades de leitura e escrita, dando espaço aos gêneros de uso mais comuns no cotidiano das crianças, para que as aulas sejam conduzidas de forma prazerosa e atrativa.

A internet vem sendo pensada como instrumento de aprendizagem, proporcionando alto grau de interação entre professores e alunos, sendo um novo paradigma educacional, onde o aluno é o protagonista deste processo. Deve-se usar esta tecnologia a fim de uma educação dinâmica, auxiliando professores e alunos em uma aprendizagem consistente, tendo uso adequado e significativo.

2.2 Conceito de letramento

Letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa *literacy*, que significa “a condição de ser letrado”, um atributo dado àqueles que tanto dominam as habilidades de leitura e escrita quanto sabem usá-las nas diferentes situações sócio comunicativas nas quais são requeridas.

Magda Soares (2010) discute o conceito de letramento e os seus significados, interpretando esse fenômeno que altera as condições cognitivas do indivíduo em duas dimensões, uma individual e a outra social.

Na dimensão individual, Soares (2010) afirma o seguinte:

Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e a escrever significa adquirir a tecnologia, a de codificar em língua escrita e a de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade” (p.39).

Já na dimensão social, o uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania.

Contudo, já é sabido que o aluno não precisa apenas saber codificar e decodificar a língua escrita, ele precisa fazer uso de maneira autônoma dessas escritas nas práticas sociais, assim sendo, podemos dizer que alfabetização e letramento, apesar de terem significados distintos, são fenômenos indissociáveis e que para efetivação desta prática sugere-se que os alunos se alfabetizem letrando.

2.3 Alfabetização e gêneros textuais: o alfabetizar letrando.

Há no Brasil uma recente herança no ensino sobre o método de alfabetizar; acreditava-se, até a década de 1980, que esse processo se minimizava apenas na codificação e decodificação de símbolos, do tipo “Vovó viu a uva”. Essas práticas vieram perdendo espaço em função dos estudos primeiramente realizados por Soares nas fontes de Ferreiro e Teberosky (1986) e aprimorada por estudiosos a longo dos últimos anos na educação brasileira.

As pesquisas mais recentes e com maior êxito em sua aplicabilidade propõem os gêneros textuais na perspectiva do letramento, em outras palavras, o alfabetizar letrando, pois somente os gêneros textuais permitem nossas interações verbais; ao pensarmos em qualquer forma de comunicação verbal, essa se faz através dos gêneros: enviar um email, receber um convite, fazer uma receita, pagar um boleto o gênero textual está presente na sociedade grafocêntrica na qual vivemos. Então, esta é uma questão: É possível alfabetizar dissociando essa prática dos gêneros textuais? Suponho que estudar os gêneros textuais está para além de uma prática da alfabetização; esse se associa com que podemos chamar de “dar voz”, de fazer uso da cidadania em sala, uma vez que precisamos deles para nossas relações enquanto seres sociais que somos.

Bakhtin (1985) afirma que, para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso – todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão, relativamente estável de estruturação de um todo. Na prática, usamos com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica.

Presumimos que todas as pessoas, alfabetizadas ou não, letradas ou não, vão se comunicar através dos gêneros; o que as difere é que algumas têm conhecimento desses gêneros, sabem identificar a intencionalidade deles e sua função social; outros não. Para nós, alfabetizadores que somos, é indispensável que tenhamos essa consciência.

Podemos observar (vide anexo III) o uso dos gêneros textuais nas práticas pedagógicas da professora R. Segundo as anotações realizadas no diário de campo, no dia 08 de maio, a professora trabalhou o gênero textual poema “Olhando pela Janela”, de Gi Barbosa, abordando as principais características e peculiaridades desse gênero.

O poema é um gênero textual relacionado com os gêneros literários. É impossível dissociar o poema da literatura, arte que tem a palavra como matéria-prima. Na literatura, não há compromisso com a objetividade, tampouco com a sintaxe ou com a semântica. A palavra pode ser lapidada, dissecada, subvertida de acordo com as vontades de quem escreve o poema, para assim atingir seu principal fim: impressionar o leitor e nele despertar diferentes sensações.

Embora seja difícil conceituar a poesia, elemento da subjetividade presente nas mais variadas manifestações artísticas, sobretudo na maturidade precoce de alunos de segundo ano do ensino fundamental I, foi possível estabelecer

parâmetros que os ajudassem a compreender o poema como gênero textual e suas características formais e estilísticas. Como gênero, o poema apresenta algumas peculiaridades que o diferem dos demais gêneros, peculiaridades essas que facilitam sua identificação. Mas se engana quem acredita que todo poema é composto por versos e estrofes: há poemas em prosa, bem como poemas que aliam elementos visuais à linguagem verbal, contrariando assim a ideia de que o poema deve prender-se a regras como métrica ou rimas.

Foram trabalhados também os gêneros textuais convite (através de um projeto interdisciplinar de leitura, reconto e produção de texto com a professora da Educação Infantil) e o gênero receita, porém nas aulas em que não estive presente para observação. Segundo relatos da professora, a temática foi a mesma utilizada com o tema poema: a aula expositiva usando referências de textos com os alunos, e logo após deixou que eles falassem as principais das características dos textos, com produção de matérias para expor no mural da escola.

O gênero receita é um gênero textual que apresenta duas partes bem definidas – ingredientes e modo de fazer –, que podem ou não vir indicadas por títulos. A primeira parte apenas relaciona os ingredientes, estipulando as quantidades necessárias, indicadas em gramas, xícaras, colheres, pitadas, etc. No modo de fazer, os verbos se apresentam quase sempre no modo imperativo, o modo verbal que expressa ordem, conselho, pois essa parte indica, passo a passo, a sequência dos procedimentos e da junção dos ingredientes a ser seguida para se obter o melhor resultado da receita.

Uma receita pode apresentar outras informações, como grau de dificuldade, tempo médio de preparo, rendimento e calorias. Pode, ainda, conter dicas para decoração ou para variações. Nesse gênero textual, costuma-se empregar uma linguagem direta, clara e objetiva, pois sua finalidade é levar o leitor ou cozinheiro a obter sucesso no preparo de prato culinário.

O último gênero visto pelos alunos, o convite, é um gênero discursivo do agrupamento do Relatar. É produzido com a finalidade de convidar pessoas para eventos que acontecem no cotidiano, como aniversário, casamento, formatura, festa junina, reuniões, encontros, etc. Trata-se de um texto que tem como objetivo maior estabelecer uma comunicação sobre um determinado evento. Por isso, todas as informações nele contidas deverão estar claras, fazendo com que o leitor entenda perfeitamente a mensagem.

A função do convite é passar as informações de hora, data, local do evento e, é claro, o de convidar. Mas também tem o papel de motivar os convidados para o evento. A estrutura do convite, como qualquer gênero de texto, por mais simples que seja, sempre tem uma forma específica de ser construído. O convite também. Então se deve ter atenção às partes principais que compõem esse gênero textual, para que o evento seja um sucesso, começando pelo convite. Se o convite for enviado dentro de um envelope, o primeiro passo é preencher o envelope com os dados do remetente (a pessoa que envia) e do destinatário (a pessoa que recebe). No convite, há o vocativo (a pessoa a quem nos dirigimos para enviar o convite). Neste caso, devemos estar atentos quanto ao tratamento que usarmos, como, por exemplo: no caso de uma pessoa mais amiga, conhecida, é permitido o uso de uma linguagem mais simples. Mas quando se tratar de alguém com quem não temos muita convivência, ou uma autoridade, devemos adequar nossa linguagem à situação de uso.

Em seguida, informam-se todos os elementos necessários à compreensão do leitor, como qual o evento, o local, seguido do endereço, se for necessário, data, hora do evento, e, em alguns casos, determina-se o traje específico, no caso de festas juninas, festa à fantasia, formatura e outras ocasiões mais especiais.

Em ano que entra em vigor a Base Nacional Comum Curricular, sentimos a ausência de gêneros textuais que possibilitem aos alunos o contato com as tecnologias, como um e-mail, um blog, um WhatsApp, o Youtube; essas plataformas digitais estão presentes no cotidiano desses alunos, porém no contexto informal de educação. Lembro-me que em atividades de português que a professora perguntou a eles sobre palavras com encontros consonantais, eles citaram, entre outras, as palavras *tablet*, *teclado* e *WhatsApp*. Logo penso: Como eles sabem essas palavras?

Nesse mundo globalizado, em uma era digital que se modifica e se aperfeiçoa dia a dia, é praticamente impossível viver sem interagir com a internet. Diga-se, com isso, que cada vez mais cresce o número de pessoas que participam desse mundo virtual e crianças ainda bem novas estão tendo acesso de forma surpreendente a este meio tão magnífico e cheio de interatividade.

Não basta apenas ter um instrumento na mão, é preciso saber usá-lo. Jogos, brincadeiras, redes sociais e muito mais já fazem parte da vida de nossos

estudantes; é necessário, porém, que a escola participe dessa evolução tecnológica de forma educacional e com boas ações pedagógicas com projetos dotados de sentido e significado. Na Escola Municipal José Benedito Câmpara não há um espaço físico nem maquinário que caracterize um laboratório de informática; a formação da professora não atende a esta necessidade direcionada às tecnologias digitais. Há somente três computadores de mesa e uma impressora destinados às demandas da secretaria da escola, que funciona também como suporte pedagógico, onde são impressos todos os materiais pedagógicos, para uso da gestão e secretaria.

É um suporte bem distante da sala de aula, diga-se de passagem. Incapaz de influenciar qualquer prática.

3.4 O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)

Criado em 2012, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) tem como principal desafio garantir que todas as crianças brasileiras até oito anos sejam alfabetizadas plenamente. Para isso, ele contempla a participação da União, estados, municípios e instituições de todo o país.

Para alcançar esse objetivo, o Ministério da Educação (MEC) divulgou um orçamento total de R\$ 3,3 bilhões para a iniciativa. Até hoje, 5.421 municípios e todos os estados brasileiros já aderiram ao Pacto, atendendo a uma totalidade de 7 milhões de estudantes dos três anos do ciclo de alfabetização, em 108 mil escolas.

O Pacto é uma política de continuidade do governo brasileiro em relação à formação dos educadores. Ele é uma política educacional mais aprofundada, pois reúne três vertentes indispensáveis para o seu êxito: o processo de formação, de avaliação e a disponibilidade de materiais didáticos nas escolas, para o uso do educador e do aluno.

O objetivo, de acordo com o MEC, é formar educadores críticos, que proponham soluções criativas para os problemas enfrentados pelas crianças em processo de alfabetização. Além disso, espera-se que as escolas dialoguem com a comunidade em que se encontram inseridas, aprofundando a relação entre ambas e criando um espaço colaborativo, no intuito de alfabetizar todas as crianças até o final do 3º ano do ciclo de alfabetização. Segundo dados do MEC, até agosto deste ano,

304.736 professores foram cadastrados para os cursos de formação que serão realizados pelo Pnaic.

O Pacto tem quatro eixos de atuação:

1º Formação continuada de professores alfabetizadores: curso presencial com duração de dois anos para os professores, ministrados pelos orientadores de estudos, educadores que fazem um curso específico, com duração total de 200 horas por ano, realizados pelas universidades públicas nacionais. O material para a capacitação foi desenvolvido pela Universidade de Pernambuco (UFPE) com a colaboração de 11 instituições de ensino superior.

2º Materiais didáticos e pedagógicos: livros, obras complementares, dicionários, jogos de apoio à alfabetização, entre outros materiais que são disponibilizados para os professores e alunos.

3º Avaliações: processo pelo qual o poder público e os professores acompanham a eficácia e os resultados do Pacto nas escolas participantes. Por meio dessa avaliação, poderão ser implementadas soluções corretivas para as deficiências didáticas de cada localidade.

4º Gestão, controle social e mobilização: sistema de gestão e de monitoramento, com o intuito de assegurar a implementação das etapas do Pacto. O sistema de monitoramento (SisPacto), disponibilizado no Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle (Simec), possibilita esse acompanhamento constante pelos atores envolvidos no Pacto

A professora R., da Escola Municipal José Benedito Câmpara, passou pela formação do PNAIC e atribui também a este curso de especialização o sucesso do resultado das suas práticas pedagógicas. Para a professora a linguagem está para além do instrumento de comunicação, é com ela que nos identificamos como sujeitos sociais, com ela aprendemos a pensar, a fazer e a ser. Faz parte do corpo docente também a professora Eliane que é hoje uma das professoras coordenadoras do PNAIC em Barbacena

1.5 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC): a alfabetização e as TDIC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tem caráter normativo em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/1996 e com o Plano Nacional de Educação (PNE); teve sua reestruturação em dezembro de 2017 com a

proposta de acabar com a fragmentação da Educação Básica no Brasil, a fim de garantir, para além do acesso democrático e permanência, a qualidade do ensino a todos os alunos do sistema Escolar.

A proposta é repensar a Educação Básica que contempla hoje a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Ensino Médio com a unificação dos currículos, a formação docente, a avaliação e, sobretudo, a elaboração de conteúdos para que alunos das mais diversas regiões do País tenham acesso à Educação de qualidade e comum entre todas as Escolas de Educação Básica em âmbito nacional.

O texto da BNCC afirma que, para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, o documento está pautado nos princípios éticos, políticos e estéticos visando à formação integral do aluno como sujeito ativo, assegurando a eles o desenvolvimento das dez competências gerais entendida pela BNCC como as aprendizagens essenciais.

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Criar práticas docentes que visem o despertar dos alunos para curiosidade intelectual, testar hipótese, desenvolver senso crítico, formular e resolver problemas em diferentes áreas do conhecimento com autonomia.
3. Estimular e valorizar as manifestações artísticas culturais.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender e utilizar as Novas Tecnologias de forma crítica e significativa para os alunos.
6. Valorizar as diversidades culturais e as experiências que possibilitam entender o mundo do trabalho, possibilitar autonomia e consciência crítica para fazer escolhas dos projetos de vida.

7. Saber se posicionar com argumentos baseados em dados confiáveis saber definir ideias e pontos de vistas, promover direitos humanos ter consciência socioambiental cuidar de se e desenvolver a empatia.
8. Conhecer se apreciar se cuidando da saúde física e mental reconhecer se na diversidade humana e saber lidar com ela.
9. Exercita á empatia e o diálogo promovendo o respeito a diversidade de indivíduos e grupos sociais sem preconceito de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivo com autonomia responsabilidade resiliência e determinação tomar decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Como podemos observar, a Base Nacional Comum Curricular, mais claramente em suas competências 1, 4 e 5, nos sugere a adoção de métodos e práticas pedagógicas, que explore conhecimentos sobre o letramento digital; discutir novas tecnologia e fazer uso delas já nos primeiros anos de escolarização é de suma importância para o desenvolvimentos das crianças, pois estão em uma fase de curiosidade e abertos a desafios. O uso do laboratório de informática e ou dos espaços que possibilitam essa interação tornam o ambiente escolar mais lúdico e atrativo e os alunos precisam dominar esse letramento digital, sendo que não dá mais para imaginar a sociedade contemporânea sem o uso destes recursos.

Com a sua reformulação, a Base Nacional Comum Curricular traz como proposta que as crianças já estejam alfabetizadas no final do segundo ano do Ensino Fundamental I diferentemente do que acontecia antes; sendo assim, esse desafio faz-se realidade nas escolas, onde é preciso todo um envolvimento da equipe pedagógica em conjunto com os familiares dessas crianças.

2 METODOLOGIA

O presente estudo aqui apresentado teve caráter qualitativo com intuito de analisar as práticas pedagógicas da professora R. na turma de segundo ano do ensino fundamental I da Escola Municipal Jose Benedito Câmpara, na comunidade de Mantiqueira do Palmital, como mediadora dos processos de alfabetização e letramento, sob a ótica do referencial de Magda Soares (2003, 2006), Ana Teberosky e Emilia Ferreiro (1986), em consonância com os documentos e diretrizes educacionais vigentes no cenário atual, que servem de parâmetros para atuação do trabalho docente.

Utilizei técnicas de observação na escola-campo e entrevistas com o corpo técnico/docente, além da revisão bibliográfica, orientando-me através dos princípios tradicionais que regem o perfil da pesquisa qualitativa.

O estudo foi realizado considerando as condições reais da sala de aula dessa turma em questão, que tem um perfil de alunos predominantemente de zona rural, inclusive a professora regente de turma, o que torna o trabalho dela mais passível de entendimento sobre questões relacionadas aos alunos deste meio, uma vez que ela tem sua essência pautada por valores dessas comunidades.

A motivação pela pesquisa justamente nessa escola deu-se por razões pessoais, pois vejo nesses alunos e nessa comunidade a minha história de vida; conclui meu Ensino Fundamental na Escola Municipal Crispim Bias Fortes, na comunidade de Torres de São Sebastião, no ano de 2004, escola que existe até hoje com turmas do Fundamental II, mas como já faz parte do cenário político da cidade de Barbacena, uma das comunidades atende Educação Infantil e Fundamental I e no contraturno a outra comunidade atende o Fundamental II, a fim de otimizar os investimentos públicos.

As observações desta pesquisa foram de caráter investigativo, com o auxílio da professora em momentos alternados nas atividades, como toda a visita que fazemos em escolas nesta fase de escolarização, por se tratar de um processo tão complexo como a alfabetização. Penso que toda ajuda seja bem-vinda para esses professores, mas não foram aplicados projetos maiores de intervenção com esses alunos.

As visitas aconteceram sempre às terças-feiras, em função da disponibilidade de tempo e distância da escola com relação à residência do

pesquisador; usei de instrumentos como celular, gravador e entrevista para diário de campo para registro das observações que fiz.

As visitas aconteceram em blocos de aproximadamente seis terças-feiras, alternadas da seguinte forma: a primeira para conhecer a escola e apresentar a proposta, a fim de conseguir apoio do diretor Alex e da professora regente, no sentido de poder estar em campo para fazer observações, o que aconteceu de forma muito receptiva e aberta contribuindo com o projeto; na segunda visita fiquei por duas horas na escola, observando-a como um todo: estrutura física, gestão, corpo técnico, corpo docente e aqueles que dão sentido a sua existência: os alunos; e as demais visitas foram já em sala de aula, observando a prática da professora.

3. Contextualização da escola

A escola municipal “José Benedito Câmpara” está inserida na localidade de Mantiqueira do Palmital, distrito de Barbacena. Foi criada em fevereiro de 1987, ministrando a Educação Infantil e o Ensino Fundamental da 1ª à 4ª séries. Em 1996, através da Portaria 887/96, foi implantado o ensino de 5ª à 8ª séries, passando a funcionar em dois turnos. No ano de 2003, o ensino de 5ª à 8ª série foi transferido para a Escola Municipal “Crispim Bias Fortes”; no ano de 2005 retornou o funcionamento de 5ª a 8ª série, sendo na data incluída a Educação Infantil (2º período).

Atualmente, a escola oferece Educação Infantil (1º e 2º períodos) e Ensino Fundamental I, que compreende até o quinto ano. A partir de 2015, os egressos do quinto ano migraram para a Escola Municipal “Crispim Bias Fortes”.

A escola é mantida pela Prefeitura Municipal de Barbacena e conta com o apoio da Secretaria Municipal de Educação. A principal atividade econômica da comunidade na qual a escola está inserida é a agricultura, sendo a clientela pertencente à classe média baixa.

A escola tem alunos com acentuada dificuldade de aprendizagem na linguagem oral e escrita e na linguagem matemática, passando por uma carência de acompanhamento de profissionais especializados em fonoaudiologia, psicologia e assistência social.

A Escola Municipal “José Benedito Câmpara” teve seu funcionamento inicial em um barracão, cedido por Arlindo Agostinho Câmpara, no ano de 1985 com

as aulas de educação infantil e primeira série do Ensino Fundamental. Dois anos depois, em 1987, após a doação do terreno e construção do próprio prédio, a escola adotou o nome de seu patrono, José Benedito Câmpara.

No ano de 1993, a escola obteve autorização para funcionar através do parecer nº 717/93 para o ensino fundamental de 1ª a 4ª série; posteriormente, através da portaria nº 887/96 nos termos do artigo 1º da resolução da CEE nº7022 de 5 de março de 1993 e do artigo 31 da resolução CEE nº 306 publicado em 19 de janeiro de 1984, foi autorizada a extensão da quinta série do Ensino Fundamental. No ano de 1996 a sexta série, a partir de 1997 da sétima série e em 1998 oitava série.

Em 2003, o ensino de 5ª a 8ª série foi transferido para a Escola Municipal “Crispim Bias Fortes” na localidade de Torres de São Sebastião. No dia 4 de março de 2005, houve a reabertura das turmas de 5ª a 8ª série da escola municipal José Benedito Câmpara dentre os alunos destacou-se Karla cantora que ganhou o concurso garota country em Santa Bárbara do Tugúrio. Doralice Vieira Basílio destacou-se, por dirigir a escola durante 12 anos.

Objetivo e Finalidades da Escola

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola citada, o objetivo maior é gerar uma escola solidária, mais ativa, onde os profissionais sejam comprometidos, críticos e criativos, que se propõem não somente a ensinar alguns conteúdos, mas que criem condições necessárias ao desenvolvimento integral do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A escola tem os seguintes objetivos como essenciais para a valorização do conhecimento e do ser humano.

- Propiciar a formação de cidadãos autônomos e críticos, cuja a característica seja a capacidade de argumentação sólida, posicionando de maneira crítica, responsável e construtiva na diferentes situações sociais utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de somar decisões coletivas, sendo capazes de com competências e dignidade na sociedade.
- Valorizar os conhecimentos e a forma de expressão de cada aluno como processo de socialização.

- Despertar a criatividade, a criticidade, a sensibilidade, a afetividade e o respeito para construir coletivamente uma sociedade mais humana, democrática e solidária pela participação individual e coletiva.
- Orientar as famílias os cuidados com os filhos, promover a integração deles à escola e participar da vida da comunidade criando oportunidades diversificadas de crescimento em todas as dimensões.
- Proporcionar uma educação intercultural que incorpore contribuições de diferentes etnias e questione os estereótipos sociais de gênero para que os alunos saibam compreender a sociedade e interagir com nela.
- Favorecer a produção e a utilização das múltiplas linguagens das expressões e dos conhecimentos históricos, sócias científicos e tecnológicos sem perder de vista a autonomia intelectual e moral do aluno.
- Gerar, na sociedade, a consciência da educação como propriedade nacional, como valor imprescindível para o desenvolvimento do ser humano.

A escola segue como referencial a Lei de Diretrizes e Bases, os Parâmetros Curriculares, e a grade curricular. O Código do Censo Escolar da Escola é INEP 31236560.

A escola não possui atendimento educacional especializado (sala de recursos), os alunos com dificuldade de aprendizagem são encaminhados para a Escola Municipal “Higino José Ferreira” em Correia de Almeida, devendo a Secretaria Municipal de Educação fornecer transporte para eles.

A escola é administrada por um gestor (diretor), indicado pela entidade mantedora, no caso a Prefeitura Municipal de Barbacena. Seu quadro administrativo é composto por 13 professores sendo 11 Professoras e 1 Professor, 1 Secretário Escolar, 1 Vigia noturno, 1 Auxiliar de Serviços Gerais, 1 Cantineira, 1 técnica em Educação (supervisora), totalizando o corpo técnico de 19 pessoas trabalhando no turno diurno.

3.1 O diário de campo

O diário de campo é um instrumento de registro de pesquisa. Segundo Triviños (1987)

[...] as anotações realizadas no diário de campo, sejam elas referentes à pesquisa ou a processos de intervenção, podem ser entendidas como todo o processo de coleta e análise de informações, isto é, compreenderiam descrições de fenômenos sociais, explicações levantadas sobre os mesmos e a compreensão da totalidade da situação em estudo ou em um atendimento [...] (p. 123).

O diário de campo consistiu no registro completo e preciso das observações dos fatos concretos, acontecimentos, relações verificadas, minhas experiências pessoais, reflexões e comentários. O diário de campo concretizou minhas reflexões sobre a prática da professora com os acontecimentos do dia a dia da sala do segundo ano. As informações foram registradas no diário durante a observação, para garantir a fidedignidade das observações.

Esse diário de campo foi um instrumento utilizado para registrar os dados colhidos, para sistematizar as informações observadas durante o dia a dia das visitas e fazer posteriores análises. Através dele, sobretudo das imagens das escritas e os conhecimentos adquiridos dos alunos, tive a oportunidade de traçar o seguinte perfil de turma.

A turma do segundo ano do ensino fundamental I da Escola Municipal José Benedito Câmpara tem como principal dirigente a professora R., especialista em Alfabetização e Letramento pela Universidade Federal de São João Del Rey; conta com um corpo discente de 14 alunos, 11 alfabetizados, 1 aluno com laudo e pouca frequência, 1 aluno com acompanhamento de fonoaudiólogo e neurologista e 2 dois alunos estão no nível silábico alfabético com valor sonoro.

3.2 A prática pedagógica da professora

Sem imaginar que seria uma alfabetizadora de excelência, R., em 1999, viu no curso técnico de magistério uma possibilidade de inserção ao mundo do trabalho; filha de trabalhadores rurais, na época estudava como bolsista no Colégio Imaculada Conceição, uma Escola particular vicentina de Barbacena como estudante. Logo após cursar os dois anos do curso de Magistério, foi convidada a assumir como monitora de Educação Infantil; permaneceu neste cargo durante 6

anos e neste período, incentivada pela própria escola, participou de cursos, congressos e se graduou em pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais UEMG - Campus Barbacena.

Em 2012, recém-formada no curso superior de Pedagogia, sentiu a necessidade de atuar em outro cargo, uma vez que o salário de monitora tornou-se insuficiente para as suas demandas pessoais; foi assim que pleiteou contrato na Prefeitura Municipal de Barbacena. A jornada de trabalho aumentou, já que agora atuava em duas escolas. Logo após a contratação na prefeitura, a professora foi promovida no Colégio Imaculada Conceição, assumindo assim o cargo de professora regente.

Após alguns anos nas duas escolas, o contrato com a prefeitura terminou e não podia mais ser renovado em função do estatuto do servidor público municipal; então a professora deixou o cargo por um ano. Quando retornou um ano após, foi desafiada a pegar uma turma para alfabetizar. Desafio aceito. Apesar de se sentir desafiada, a professora se apaixonou pela alfabetização, que leciona até hoje.

Fez pós-graduação em Alfabetização e Letramento pela Universidade Federal de São João Del Rey, cursos de Pró-letramento e Mais Alfabetização pela Prefeitura Municipal de Barbacena, além da formação acadêmica; R. atribui suas experiências à observação feita nas colegas de profissão. Hoje a professora conta com um currículo de 11 anos de Educação Infantil, 18 anos de atuação na rede privada, 7 anos como regente e 9 anos nas salas de aulas de escolas públicas de Barbacena, sobretudo na zona rural; a professora diz ainda que, apesar de achar desafiador atuar na rede pública em função dos poucos recursos, é uma grande satisfação conseguir fazer um ensino de qualidade, otimizando materiais, tempo e recursos. Vale ressaltar que ela possui jornada tripla: atua em duas escolas, além de dar conta de ser mãe, esposa e filha, uma vez que ajuda nos cuidados com os pais, que são seus dependentes hoje.

Durante este ano letivo, em algumas manhãs de terças-feiras fui aprender a ensinar à luz da prática da professora R.; as observações tiveram como objetivo analisar a prática pedagógica da professora alfabetizadora diante das dificuldades do processo de alfabetização. A pesquisa foi realizada com a professora R. na turma de segundo ano do ensino fundamental na Escola Municipal José Benedito Câmpara, rede pública de ensino localizada em Palmital de Torres, distrito rural de Barbacena. A coleta de dados foi feita por meio de diários de campo; a análise dos

dados buscou estabelecer uma relação entre a fundamentação teórica construída e as práticas pedagógicas observadas.

4. ANÁLISE DA SITUAÇÃO VIVENCIADA

Durante minhas visitas a Escola Municipal José Benedito Câmpara, foi possível observar que a escola e seus dirigentes estão abertos á comunidade a qual atente e conta, sobretudo, como o apoio da comunidade para apoio pedagógico dos alunos, se mostra aberta as realizações de projetos que formem alunos na perspectiva integral de ensino, preparando para viver em comunidade onde prevalece o senso de coletivismo, se solidarizando com os possíveis pesquisadores a fim de fazerem da pesquisa um aporte para as futuras gerações de docentes, colaborando com o acesso a todos os materiais legais da escola para que a pesquisa se paute no compromisso com as verdades dos fatos. A equipe técnica e o corpo docente são receptivos e agem de maneira natural nos seus afazeres cotidianos, sem preocupação com possíveis equívocos e usando destes como aprendizado mútuo.

4.1 As atividades

As atividades realizadas na sala estão dispostas em uma sequência didática, onde a professora tem previamente um planejamento. As atividades são feitas com um encadeamento lógico, com vistas ao alcance de objetivos. As atividades são propostas e realizadas com preparação prévia, usando o livro didático e o planejamento aprovado pela coordenadora pedagógica. A professora otimiza os poucos recursos que a escola oferece, assim como é a realidade do cenário da situação pública brasileira.

O trabalho de produção de texto usa formas direcionadas pela professora; ela usa o livro didático para essa sequência lógica, há o uso de escrita espontânea através das atividades de reconto nas aulas de produção de texto. Dessa forma, os alunos não ficam condicionados a escrever apenas o que está direcionado, podendo trabalhar a criatividade tendo sempre a oportunidade de estarem usando palavras novas, enriquecendo, assim, o seu vocabulário. Isso simplifica o processo de alfabetização e letramento, porque não se reduz a escrita apenas na cópia e na memorização de símbolos, dando possibilidade ao professor de testar suas hipóteses conceituais a respeito da escrita dos alunos, tomando como base a escrita espontânea.

Todas as crianças são incentivadas a escrever, mesmo aquelas que não são alfabetizadas, fazendo trabalho de estímulo e autorreflexão dessa escrita produzida pelo aluno.

Podemos observar (vide anexo II) no diário de campo do dia 24/04/2018 a sequência lógica das atividades propostas pela professora R¹; neste dia, após a avaliação da disciplina de Ciências, ela propôs uma atividade através do gênero poema. No primeiro momento, foi distribuído para os alunos o poema “Coisinhas à-toa que deixam a gente feliz”, de autoria de Otávio Roth, sendo proposta assim uma leitura silenciosa do poema. Então os alunos fizeram a leitura em voz baixa do texto; em seguida, a professora foi de carteira em carteira tomando a leitura de cada aluno; neste momento, me aproximei da mesa da aluna (B) e fui tomar a leitura dela.

A aluna em questão ainda não estava alfabetizada, reconhecia as letras apenas separadas, palito e maiúsculas; quando ela tentava ler, juntava as sílabas e as organizava para formar uma palavra, mas, na maioria das vezes, quando terminava de soletrar a última sílaba ou letra, já havia se esquecido do começo da palavra, não tendo sucesso da formação da palavra.

Então, fiz a leitura da poesia por três vezes, passando a ponta do dedo no sentido da construção da palavra, a fim de que ela observasse que o som era a reprodução da escrita (representação dos grafemas em fonemas), na tentativa de causar uma motivação desta aluna para leitura do texto. Suponho que quando há essa apresentação do todo no primeiro momento, surge maior interesse destes alunos na leitura.

Logo em seguida, pedi palavra que ela fizesse a leitura da poesia. Ela perguntou “Posso ler do meu jeitinho professor?”. Eu disse “Pode!”. Então ela fez pra mim o reconto, digo reconto, pois como vamos ter a oportunidade de observar, ela memorizou parte daquilo que eu havia lido em voz alta pra ela; quando fazia a “leitura”, apontava o dedinho sobre as palavras, mas sempre sobravam palavras. É interessante esse processo, penso eu, pois um texto desse tamanho é difícil de ser memorizado e ela conseguiu recontar aproximadamente 80% do que eu li do “Coisinhas à-toa que deixam a gente feliz”. Ela leu colocando o dedo sobre cada palavra, mas não leu a palavra “à-toa”. Abaixo, transcrevo o reconto do poema:

Pintinho saindo do ovo.

Começar caderno novo.

Começar cardeno novo. (Leitura da aluna B)

Acordar com cafuné

Visita pela chaminé.

Estalar os dedos do pé.

Neste momento ela olhava a palavra chaminé e não sabia pronunciá-la; perguntei “Por onde o papai Noel entra na noite de Natal?”. Ela respondeu com tom de pergunta: “Pela chaminé?” Aí eu disse “Então, que palavra é esta?” Ela respondeu “chaminé”.

No próximo trecho, relato o que ocorreu:

Joaninha no nariz

Respingos no Chafariz

Fazer um amigo feliz

Vejo que as palavras que não fazem parte do contexto social das crianças, como “chafariz”, tornam mais complexa a aprendizagem e associação. Por várias vezes pude notar que além da dificuldade da aluna B na palavra (até pelo o uso do CH), ela não assimilava essa palavra, por não saber o que é um chafariz.

O ensino dos gêneros textuais, conforme já colocado em pauta, se faz essencial na alfabetização. Na perspectiva do alfabetizar letrando, esta prática, quando trazida para o contexto real dos alunos, torna-se mais lúdica e passível de entendimento. Nesta atividade proposta pela professora, observemos que foi aplicado o uso dos gêneros textuais, mas houveram palavras do poema, como chafariz, que as crianças questionaram sobre seu significado e, por mais que tentássemos sermos esclarecedores quanto ao seu significado, suponho que não tenhamos sido claros até por uma questão de maturidade dos alunos em compreender algo que para eles é abstrato. Os recursos tecnológicos poderiam nos auxiliar através de vídeos ou fotos, tornando mais palpável a definição de chafariz.

Na segunda atividade, dando sequência à primeira, a professora explicou as particularidades do gênero textual poema, destacou a importância do gênero como elemento capaz de sensibilizar o leitor para simplicidade dos sentimentos e pediu para que eles colorissem as últimas palavras de cada estrofe, com intuito de deixar mais claro que os poemas possuem como principal característica as rimas.

Em seguida, a professora R¹, passou uma atividade para os alunos, onde eles fizeram o reconto de parte do texto, trazendo para a realidade deles. A proposta era escrever 3 coisas simples que os deixavam felizes como podemos observar (vide imagem em anexo II), esta atividade oportunizou a criatividade dos alunos na

escrita espontânea, não os limitando em um repertório muito fechado de palavras e possibilitou à professora a avaliação dessas escritas.

Na atividade proposta, temos como resposta da aluna (A): BRINCAR, ANDAR DE BICICLETA E GANHAR BRINQUEDO NOVO. Apesar de serem visíveis alterações ortográficas, o que é natural em função da maturidade da escrita, a atividade foi desempenhada com fácil compreensão pela aluna, uma vez que o papel do poema é mostrar para os alunos que é nas coisas simples que estão os sentimentos mais sublimes.

No dia 08/05/2018, a professora, ainda trabalhando o gênero textual poema, porém na perspectiva de introduzir a letra cursiva (pois a maior parte da turma ainda não conseguia ler quando os textos não estavam na letra palito), trouxe o poema “Olhando pela janela”, de Gi Barbosa, e distribuiu para cada aluno o texto que estava na letra palito. Orientou os alunos que fizessem a leitura em voz baixa; enquanto faziam suas leituras, a professora escreveu em uma cartolina o texto em letra cursiva e escreveu no quadro o texto em letra palito. Como os alunos estão fazendo a transição de letras, a ideia era tornar passível de entendimento de que apesar de apresentarem formas distintas, elas possuem os mesmos significados.

Logo após tomar a leitura dos alunos na letra palito, a professora distribuiu os recortes do cartaz que continham as mesmas palavras, porém na letra cursiva e perguntou se eles sabiam ler aquelas palavras. Alguns responderam primeiro e foram indo até o quadro, colando as palavras, montando um quebra-cabeças até que o texto estivesse todo estruturado na letra cursiva.

Nessa atividade, para além das explicações relacionadas ao gênero textual poema, a professora introduziu a letra cursiva com os alunos do segundo ano de forma lúdica. A aula foi dinâmica; os alunos se interessaram pela novidade em ver as palavras escritas de formas diferentes, mesmo usando pouca tecnologia como um simples cartaz recortado (imagem em anexo III).

4.2 Dados analisados

As análises dos dados apontam que uma prática docente consciente é entendida como sendo aquela que é alicerçada por uma formação profissional inicial e continuada específica da professora para atuar na alfabetização.

Os dados aqui analisados apontam que a prática pedagógica da professora pesquisada é coerente com os conceitos da alfabetização e letramento e, conseqüentemente, são utilizados materiais didáticos e uma metodologia que favoreceu a aprendizagem da língua escrita, levando-se em consideração as práticas e seus usos sociais é possível afirmar que a prática docente é decisiva para o sucesso da alfabetização e do letramento, porém por falta de estrutura física, não possibilitam acesso um laboratório de informática, limitando o processo ou a efetividade do processo.

A professora tenta trazer para seu planejamento de aulas a proposta dos gêneros textuais oferece uma sequência didática; conforme podemos observar nas atividades aqui citadas, há uma grande preocupação com a escrita espontânea dos alunos, tendo foco nos resultados esperados pela instituição no seu fazer pedagógico, a fim de desempenhar de forma ética o papel social desta escola. Mas a escola carece de recursos que os possibilitem trabalhar questões voltadas para tecnologias, como formação dos professores com especializações próprias e estrutura física.

4. Discussão

As alfabetizações, assim como o letramento, por serem processos de natureza complexa, exigem do docente uma formação profissional que leve em consideração suas especificidades conceituais, teóricas e metodológicas. Para atuar em classes de alfabetização, é indispensável que a professora possua um conhecimento sistemático construído através de cursos de formação inicial e continuada de qualidade, atribuições de um bom currículo que a professora possui e que reflete positivamente em sua prática docente.

O professor alfabetizador deve avaliar constantemente sua prática educativa, pois é por meio da mesma que o docente irá aprender a ensinar. Por essa razão, os saberes da prática docente não são adquiridos somente por meio da formação acadêmica.

Esses saberes são e devem ser completados com os conhecimentos apreendidos no exercício da docência. Entretanto, se o professor acreditar que sua formação inicial por si só sustenta sua prática, esse professor não terá uma prática educativa suficientemente adequada para atuar em classes de alfabetização. Além

disso, é através do exercício da autorreflexão de seu trabalho que o docente terá a oportunidade de rever sua ação docente para constantemente reorganizá-la.

A internet, além de possibilitar a pesquisa sobre os mais diversos assuntos, oferece muitos atrativos que prendem a atenção, principalmente, das crianças e dos adolescentes, que destinam horas do dia utilizando os recursos que o computador oferece. Porém, é notório que os tempos gastos em *tablets* e celulares fora do ambiente escolar são inúteis, pois usam de atividades fora do contexto deles e fora de classificação de idade; servem apenas para diversão, além da aplicação de um currículo oculto de consumo em crianças de um contexto social extremamente vulnerável.

Com os recursos adequados, as TDICs podem ter papel ainda mais positivo em prol da alfabetização e dos multiletramentos.

4 CONCLUSÃO

Esse trabalho representa um exercício acadêmico que me possibilitou ampliar meu olhar sobre o fazer docente no primeiro ciclo do Ensino Fundamental I e, como aluno de Pedagogia, aprimorar o conhecimento sobre a realidade da educação formal.

O estudo do tema sobre os processos de alfabetização e letramento é indispensável a todo profissional de educação que deseja atuar, seja na prática de sala de aula ou para os futuros gestores.

Contudo, penso que alfabetizar letrando só seja possível quando há uma equipe pedagógica empenhada na sua função social como representantes da educação formal e que se deve promover ações na gestão junto ao professor favorecendo assim a aprendizagem da língua escrita e de seu uso social.

É notável a urgência de um laboratório de informática e um profissional com conhecimento das tecnologias da educação, para que este espaço seja aproveitado de forma produtiva nesta escola e que assim de fato seja aplicado as competências da BNCC.

As novas tecnologias estão causando um impacto na aprendizagem da língua escrita e na vida dos alunos, computador tem ocasionado uma mudança enorme na produção do texto: é mais simples e menos trabalhosa.

Pode-se voltar ao texto muitas vezes, reescrevendo, inserindo, recortando, transportando palavras ou parágrafos, alterando a ordem, invertendo sequências, fazendo colagens, substituindo ou eliminando palavras de um texto completo, independentemente de seu tamanho com apenas um ou dois comandos. A mesma pessoa escreve, revisa, edita, reproduz e até pode distribuir o seu texto. Enfim, as possibilidades de trabalho são imensas, além dos games para se ensinar história, geografia, o ensino de ciência pesar de a informática ainda não ser de uso generalizado, muitas famílias possuem essas máquinas de leitura e escrita sem contar o celular á presente em sua totalidade.

Evidentemente, a participação nas práticas junto ao computador cria um novo tipo de leitura e uma nova escrita, que se distanciam de alguns aspectos das mesmas atividades realizadas em suportes de papel. Essa distância ou diferença afeta a relação entre as atividades de produção e as atividades de compreensão: por exemplo, com uma única máquina é possível escrever, corrigir, consultar várias

fontes, editar, imprimir e, também, interagir “conversando” com a própria máquina ou com outros leitores. Talvez, num futuro imediato, muitas crianças pequenas aprendem a ler e escrever diretamente dessa forma, nem a necessidade de passar pelo uso de outros suportes materiais, sem fazer futurologia, o que temos conseguido comprovar é que quando os adultos estimulam o uso do computador, as crianças menores aprendem rapidamente e é nessa perspectiva que tornamos a educação mais lúdica.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: formação do professor alfabetizador: caderno de apresentação**. Brasília: MEC/SEB, 2012.

CARVALHO, A.M.P. (Org.). **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

CARVALHO, M. **Alfabetizar e Letrar: Um diálogo entre a Teoria e a prática**. 5. ed. Rio de Janeiro Vozes, 2008.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre Alfabetização**. 7. ed. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1987.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARRIDO, E. Sala de aula: espaço de construção do conhecimento para o aluno e de pesquisa e desenvolvimento profissional para o professor. CASTRO, A; CARVALHO, A. M. P. **Ensinar a Ensinar: Didática para Escola Fundamental e Média**. São Paulo: Pioneira, p. 125-141, 2001.

GONÇALVES, C J. S.; SANTOS, S. S. Ler e escrever também com o corpo em movimento. In: NEVES, I. C. B; SOUZA, J. V.; SCHÄFFER, N. O.; GUEDES, P. C.; Klüsener, R. (Orgs.). **Ler e escrever: Compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998, p. 45-64.

MARTINS, E.; SPECHELA, L.C. A importância do letramento na alfabetização, **Revista eletrônica do curso de Pedagogia das faculdades**, n. 3, p. 1-11, jul. 2012.

NEVES, I.C.B. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 6. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SOARES, M. **Letramento**: Um tema em três gêneros. 2. Ed. Belo Horizonte: Autentica 2006.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2004, n. 25, pp.5-17.

ANEXO I

Mantiqueira do Palmital, 17 de abril de 2018.

07:00 Início do horário de aula

As crianças formam duas filas para cada turma separados por sexo, de frente fica o professor R1 com suas respectivas turmas.

Uma das professoras começa a oração do Pai Nosso, Ave Maria e Santo Anjo.

As professoras entram com seus alunos respeitando a entrada das fazes introdutórias até por fim o quinto ano.

07:10 Na sala a Professora Regiane cumprimenta seus alunos afetuosamente, tendo o zelo de perguntar sobre o dia anterior, os alunos por sua vez ficam exaltados para contar todas as experiências vividas no dia anterior e no comecinho da manhã, sempre há uma novidade a vista que todos pegam condução para ir até a escola inclusive os professores que na maioria dos casos são de Barbacena.

07:30 Depois deste momento mais descontraído a professora recolhe os cadernos de tarefa e informa aos alunos que conforme combinado ela aplicará as avaliações de Matemática e logo após o intervalo a avaliação de ciências.

07:45 A aluna (A) se prontifica a ajudar a Regiane (Professora) a distribuir as avaliações.

A professora enfatiza:

- Meninos conforme vocês já estão acostumados enquanto entrego a prova dos demais podem ir preenchendo os nomes já que alguns ainda demoram muito para preencher.

Alunos:

- Tá bom tia.

AVALIAÇÃO DE MATEMÁTICA
Escola Municipal "José Benedito Câmpara"

Nome: _____

Turma: 2º ano Data: 14-04-18 Valor: 30,00 Nota: _____

1) CONTE E REGISTRE AS QUANTIDADES.

Quantidade	Objeto	Quantidade	Objeto
6	Flores	3	Lâmpadas
8	Bolinhas	3	Livros
7	Flores	5	Árvores

2) Escreva os números com algarismos:

Número	Por extenso	Número	Por extenso
11	onze	14	quatorze
35	trinta e cinco		
10	dez	50	cinquenta
		20	vinte

Questão 1

Conte e registre as quantidades. (a professora faz a leitura da prova com os meninos e explica o que a questão está pedindo que eles resolvam.

Neste momento me aproximo do aluno (A) Pietro, pois através das minhas observações percebi que apesar deste aluno possuir boa habilidade com o letramento, sobretudo do letramento matemático ele se dispersa muito.

Nesta questão há 6 conjuntos com números de objetos concretos distintos, no primeiro 6 flores.

O aluno (A) Pietro coloca a ponta sobre cada florzinha contando logo passa para a resposta no espaço ao lado e escreve o código 6 e assim faz com os outros, 8 pinceis, 7 sol, 9 lâmpadas, 3 camas, e 5 arvores. A cada resposta dada ele olha minha expressão facial querendo ver se há um sinal de aprovação ou até se ainda estou ali, pois do contrário ele para olha para os cartazes, mexe com o aluno do lado e por aí vai... Tento ser discreto, mas confesso que não sei se consigo, pois a cada acerto me desperta a felicidade de ver que ele está a princípio se saindo bem.

Na segunda questão há uma sequência de números escritos por extenso (onze, dez, quatorze, cinquenta, trinta e cinco e vinte. Onde eles devem ler o número e representá-los em símbolos numerais.

Fiquei observado 3 alunos onde através de suas expressões demonstravam ter maior dificuldade se comparado aos demais, aja visto que em outra aula já havia percebido que estes contam a partir do número 19 com dificuldade. Eles sabem a sequência, mas não responde quando há maiores desafios do tipo perguntar os números sem uma ordem lógica.

Abaixei-me perto da mesa deles, primeiro perto da do aluno (A) Pietro e pedi para que ele lesse a palavra que ele estava olhando ONZE ele lia baixinho com medo de errar (OOOOooze) suponho que lendo um onze ora sem o N outrora sem o Z, neste momento eu falo:

- Aluno (A) Pietro, fala, me deixa ouvir, se estiver errado não tem problema.

Então ele fala “ONZE”. Eu olho com olhar de aprovação e ele sorri.

Questionei:

Você sabe que número é este?

- Sei

Então escreve.

Assim foi com os outros alunos, eles fazem a leitura praticamente sem som é preciso fazer uma leitura quase que labial para conseguir entender e provocar neles essa vontade de falar o que eles entenderam da palavra escrita.

Os numerais com maior dificuldade de leitura foram: cinquenta, trinta e cinco e quatorze suponho que quanto há encontros consonantais e vocálicos eles ficam em dúvida sobre o que estão lendo.

3) ESCREVA QUAL É O ANTECESSOR E QUAL É O SUCESSOR.
 QUAL É O NÚMERO QUE VEM ANTES?

2	←	3
9	←	8
6	←	5

1	←	6
7	←	2
8	←	7

QUAL É O NÚMERO QUE VEM DEPOIS?

1	→	8
3	→	4
5	→	6

4	→	5
6	→	11
8	→	9

4- LEIA OS NOMES NA PLAQUINHA E ESCREVA OS NUMERAIS.

onze	11
dez	10
treze	13
dezoito	18
quatorze	14

Questão 3

O uso a dizer que o grau de dificuldade desta questão, é de médio para simples, pois não houve grandes conflitos, mas o tempo de resolução do sucessor é relativamente menor com relação a do antecessor.

Questão 4

Está questão há uma maior dificuldade quando eles tentam fazer a leitura dos

encontros de vogais e consoante ouve uma dificuldade também com o numeral 10.

Nestas questões onde o aluno precisa se atentar quanto à organização do problema como ele se estrutura e a interpretação de texto há uma grande dificuldade dos alunos com este desafio. Três alunos na turma, que já se encontram alfabetizados, aceitam este desafio sem maiores problemas. Os demais demoram para assimilar estas questões. A professora usa diversos artifícios para instigar os alunos a pensar sobre como se faz essa interpretação por fim ela arma a questão no quadro para facilitar o entendimento.

Eles fazem reconhecimento dos símbolos que representam as figuras geométricas e leem com um pouco de dificuldade as palavras que as denominam.

Na representação do quadro posicional poucos alunos diferenciam os números que representa dezena e as unidades fazem a lógica da sequência, o que vem primeiro coloca na dezena e o que vem depois como unidade.

A sequência numérica até o número 19 tem domínio de 100 % dos alunos presentes na avaliação confundem quando vão mudar de dezena.

Eles possuem domínio da sequência de dezenas exatas (a única dúvida é quando começa dez. Qual o próximo número eles respondem 11, mas quando percebem que são as dezenas, eles respondem o que é solicitado.

Após o intervalo do recreio usei o tempo para digitar informações relacionadas ao PPP.

ANEXO II

Palmital, 24 de Abril de 2018.

07:00 Início do horário de aula

Desenvolvimento da aula:

As crianças já se encontravam na sala, pois em dias que o tempo está nublado as crianças entram assim que chegam à escola.

Após os cumprimentos a professora recolheu os cadernos de tarefa e propôs a aplicação da prova de ciência.

A professora pediu meu auxílio na destruição das avaliações.

Enquanto eu distribuía, ela chamou atenção dos alunos para irem preenchendo o campo destinado ao nome e data.

Dado o início das provas me aproximei da aluna (B) Ana Clara.

Esta aluna apesar de ser motivada e interessada apresenta grandes dificuldades de leitura e escrita, logo seu nível de interpretação também é ruim. A vista cabeçalho o sobrenome dela não está completo e onde era para colocar o cardinal segundo ela transcreve a palavra turma.

AVALIAÇÃO DE CIÊNCIAS
Escola Municipal "JOSÉ BENEDITO CÂMPARA"

Nome: ANA CLARA DE A. MAROSA
Turma: 1.ª Data: 24/07/18 Valor: 30,0 Nota: _____

Você aprendeu muitas novidades nas aulas de Ciências.

1) AGORA, RESPONDA:

VOCÊ É UM SER VIVO?

☒ **SIM**
☐ **NÃO**

CITE O NOME DE UM SER VIVO QUE VIVE NA ÁGUA?

PEIXE

UM SER VIVO QUE VOA.

BACIA

UM SER VIVO QUE POSSUE RAIZ.

ÁVOE

DESENHE UM SER NÃO VIVO. REGISTRE O SEU NOME.

CAUANO

Ela usa uma quantidade mínima de caractere igual ou superior a 3 caracteres.

Após a realização das avaliações de ciências a professora passou uma Poesia de Otávio Roth.

Os alunos fizeram a leitura em voz baixa do texto em seguida foi de carteira em carteira tomando a leitura de cada aluno, neste momento me aproximei da mesa da aluna (B) da Ana Clara e fui tomar a leitura dela.

Esta aluna ainda não está alfabetizada, reconhece as letras apenas separadas e palito maiúsculas, quando ela vai ler ela vai juntado as sílabas e se organizando para tentar formar a uma palavra mas na maioria das vezes quando termina de soletrar a última sílaba ou letra já se esqueceu o começo da palavra não tento sucesso da formação da palavra.

Então fiz a leitura da poesia por três vezes passando a ponta do dedo no sentido da construção da palavra a fim de que ela observasse que o som era a reprodução da escrita (representação dos grafemas em fonemas) na tentativa de causar uma motivação desta aluna para leitura do texto. Suponho que quando há essa apresentação do todo no primeiro momento surge maior interesse destes alunos na leitura.

Logo em seguida pedi palavra que ela fizesse a leitura da poesia.

Ela perguntou:

- Posso ler do meu jeitinho professor?

Eu disse:

- Pode!

Então ela fez pra mim o reconto, digo reconto, pois como vamos ter a oportunidade de observar ela memorizou parte daquilo que eu havia lido em voz alta pra ela. É interessante penso eu pois, um texto deste tamanho é difícil de ser memorizado e ela conseguiu recontar aproximadamente 80% do que eu li. Enquanto fazia a "leitura", ela apontava o dedinho sobre as palavras, mas sempre sobrava palavras.

"Coisinhas à-toa que deixam a gente feliz" Ela leu colocando o dedo sobre cada palavra, mas não leu a palavra à-toa:

Coisinhas à-toa que deixam a gente feliz

Pintinho saindo do ovo.

Começar caderno novo.

Começar cardeno novo. (Leitura da Ana Clara)

Acordar com cafuné

Visita pela chaminé.

Estalar os dedos do pé.

Neste momento ela olhava a palavra chaminé e não sabia pronunciar, perguntei:

- Ana Clara por onde o papai Noel entra na noite de natal?

Ela respondeu com tom de pergunta:

- Pela chaminé?

Aí eu disse:

- Então que palavra é esta?

Ela respondeu:

- Chaminé.

Joaninha no nariz

Respingos no Chafariz

Fazer um amigo feliz

Vejo que as palavras que não fazem parte do contexto social das crianças assim como chafariz tornam mais complexo de aprendizagem e associação. Por várias vezes pude notar que além da dificuldade da Ana Clara na palavra até pelo o uso do CH ela não assimilava essa palavra supostamente por não saber o que é um chafariz. O ensino de gênero textual próximo da realidade social do aluno sempre que possível é um elemento de maior ludicidade.

Logo em seguida a professora fez a leitura do poema com os alunos e pediu para

que eles colorissem as últimas palavras de cada verso.

A professora os questionou sobre o que eles conseguiam ver de semelhança nas palavras nos finais de cada frase as rimas, explicou que nos poemas as linhas são denominadas como verso que cada parágrafo são as estrofes (neste momento ela simplificou dizendo cada pedacinho do texto).

Pontuou que as poesias têm caráter de trabalhar com o sentimento abstrato, que nos remete a simplicidade.

Propôs uma atividade sobre as coisas que os deixavam feliz.

Nesta atividade podemos observar que apesar de haver erros de escrita, há uma grande compreensão da criança no que ela quer representar através da escrita. FERREIRO, em Psicogênese da língua escrita rela: Não ser capaz de repetir(reproduzir) uma palavra desconhecida (em construção de conhecimento sobre), não quer dizer ser incapaz de compreender e produzir as distinções fonemáticas.

ANEXO III

Palmital, 08 de maio de 2018.

07:00 Fila com Oração

Alunos Presentes:

Riquelme (alfabetizado), Wendrew Gabriel (alfabetizado), Camila (silábico II), Gabriela (silábico II), Pietro (silábico I), Pedro Arthur (silábico I), Guilherme (silábico I), Gabrielle (silábico I), Daniela (silábico II), Ana Clara (silábico I) e Ester (silábico I).

Alunos Faltantes:

João Miguel (silábico II), Ana Clara (silábico I), Vitório (esteve presente durante as minhas observações apenas uma vez apresentava dificuldade com leitura) e Gabriel (?)

Desenvolvimento da aula:

Hoje na turma há a presença da Paula, do Projeto mais alfabetização, além da professora regente, Regiane.

A professora com nosso apoio recolheu os cadernos de tarefa e pediu para os alunos que pegassem o caderno de português.

Apresentou o poema “Olhando pela Janela” de Gi Barbosa

Orientou os alunos que fizessem a leitura em voz baixa. Enquanto os alunos faziam suas leituras à professora escreveu em uma cartolina o texto em letra cursiva e escreveu no quadro o texto em letra palito, pois os alunos estão fazendo a transição de letras.

Enquanto ela fazia o material, nós tomamos a leitura de alguns alunos. (Paula e Eu)

Após a confecção do cartaz ela colou no quadro e perguntou para os alunos qual daquelas palavras eles conheciam.

Camila fez o reconhecimento da palavra janela.

Daniela reconheceu Juca, Juju, janela e os demais não responderam.

A professora fez a leitura do texto em letra cursiva e explicou que a mesma palavra pode ser representada de diferentes grafias.

Recortou todo o texto separando palavra por palavra e distribuiu 3 palavras para cada um dos alunos.

O intuito era reconstruir o texto em letra cursiva. A medida que ela ia fazendo a leitura no quadro do poema na letra palito os alunos iam sinalizando quando tinham a mesma palavra na cursiva ia até o quadro e colava. Muitos tinham as palavras mais não às reconhecia, mas observamos que após várias leituras eles começam a ler ou tiravam suas próprias hipóteses.

ANEXO IV

- Agora escreva, do melhor jeito que conseguir, uma lista de "coisinhas à-toa" que deixam você feliz.

- BICA

- BICIGUETA

- IGAA BIGUEDO NOVO